

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Enredos da Tradição. Intelectuais, lugares de fala e modos de apropriação na construção do folclore regional. Goiás (1940-1980)

Mônica Martins da Silva*

Resumo: O interesse pelo povo e suas práticas constituiu matéria recorrente no processo de reflexão, debate e representações da nação brasileira no século XX. Nos anos de 1940, contexto de marcha para o Oeste, intensifica-se a construção do *hinterland* como o *locus* da tradição, sobretudo, pelos intelectuais memorialistas e folcloristas que, em Goiás, são autores responsáveis pela organização de enredos amparados por linguagens populares como poesias, lendas, mitos e folguedos que são ressignificadas a partir de pesquisas e coletas *in loco* que resultam em artigos, livros, boletins e revistas. Os lugares de fala da tradição são construídos a partir de diferentes modos de apropriação do passado que convergem na organização do folclore regional.

Palavras chave: intelectuais, folclore, tradição.

Résumé: l'intérêt par le peuple et leurs pratiques a constitué matière récurrente dans le processus de réflexion, débat et des représentations de la nation brésilienne dans le XX siècle. Dans les années de 1940, contexte de marche pour l'Ouest, s'intensifie la construction du *hinterland* comme *la locus* de la tradition, surtout, par les intellectuels memorialistes et folkloristes qu' au Goiás, sont des auteurs responsables par l'organisation d'histoires soutenues par des langues populaires comme des poésies, légendes, mythes et folguedos qui sont ressignifiés à partir de recherches et collectes sur place qui résultent dans des articles, livres, bulletins et magazines. Les places de parole de la tradition sont construites à partir de différentes manières d'appropriation du passé qui convergent dans l'organisation du folklore régional.

Mots-clé- intellectuelles, folklore, tradition.

Em Goiás, nos anos de 1930 e 1940, ocorreram inúmeras transformações no campo sócio-cultural, sobretudo pelas mudanças que se operaram na construção e transferência da nova capital no contexto da política varguista de consolidação do Estado nacional brasileiro através da marcha para o Oeste. Esse momento será uma atualização oportunizadora do sentido de que seria preciso “arrancar sobre a *hinterlândia* para construir uma nova totalidade nacional já que naquele contexto *rumar* para o sertão-interior-Oeste seria nacionalizar o Brasil” *grifos meus* (SOUZA, 2002: 82).

* Doutoranda em História Cultural na UnB e professora do CEPAE/UFG.

A construção de Goiânia atualiza o imaginário geográfico existente nos discursos sobre identidade brasileira, só que, desta feita, por meio da urbanização. Os sujeitos que falam pela cidade usam e reforçam a imagem já consagrada por Euclides da Cunha de um país litoral e outro sertão e expressa o orgulho de cumprir uma destinação histórica, e o espírito dos tempos do Estado bandeirante povoa a construção simbólica de Goiânia, concomitante à construção física, sobretudo na celebração dos laços que entremeiam passado e presente nas ocasiões cerimoniais do Batismo Cultural, evento comumente associado às cerimônias do dia 5 de julho de 1942¹, mas que se referem a um conjunto de comemorações que ocorreram entre o dia 1 e 11 de julho. Essas cerimônias são descritas pelo jornalista Pimentta Netto nos anais do Batismo Cultural escrito 26 anos após os eventos, em um momento de reelaboração dos lugares de memória da fundação da cidade já que o 5 de julho teria sido desvalorizado em relação ao 24 de outubro, data do lançamento da pedra fundamental da cidade em 1933 (PIMENTTA NETTO, 1993).

O eventos do Batismo Cultural, descritos em uma longa programação que sofreu inúmeras transformações dada a ausência de alguns oradores e de várias personalidades, (PIMENTTA NETTO, 1993:15-16) foram marcados por encontros e congressos² que chamariam a atenção do país para a nova capital do oeste além de palestras, conferências, alvoradas, recepções, bailes e inaugurações. Como parte da programação houve a iniciativa da construção de uma grande exposição dos elementos que representariam Goiás, naquele momento, a partir da representação de municípios como Goiás, Santa Rita do Paranaíba e Rio Verde que mostraram as riquezas peculiares da região como produtos agrícolas, minérios, manufaturas, livros como *Mboitatá*, obra inédita do escritor Nelson Cupertino, que chamava a atenção no capítulo dedicado às belezas e riquezas da Cachoeira Dourada. Havia um pavilhão de informações com setas indicativas do percurso para uma completa visita a todas as dependências que incluía restaurante, bares, salão de danças. Havia ainda a Casa do Cabolclo composta de monjolo, currais, bicharadas, chiqueiro, engenho de cana, papagaio, bananeiras, bica d'água, colméia. No ambiente interno havia o tear, as tralhas de cozinha, jiraus para dormir e apetrechos de montaria se misturavam com a viola que os cantadores, à tarde, iam buscar para cantar modas e catiras (PIMENTA NETTO, 1993: 24). Nos momentos de folga, o governo do Estado, por intermédio do DEIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) promovia

¹ Um dos mais expressivos consubstanciadores desse processo simbólico/material do Estado bandeirante, é a estátua do Anhangüera erguida exatamente sobre o cruzamento da Avenida Goiás (projetada) e da antiga estrada que ligava Campinas a Leopoldo de Bulhões (atual Avenida Anhangüera).

² Realizaram-se a V Sessão das Assembléias Gerais do Conselho Nacional de Estatística, do Conselho Nacional de Geografia e da Sociedade Brasileira de Estatística, o VIII Congresso Brasileiro de Educação, a II Exposição Nacional de Educação Cartografia e Estatística e a semana Ruralista do ministério da Agricultura.

demonstrações folclóricas constantes de congadas, cavalladas, modas de viola, arirê-cum-cum e desafios em cateretês (PIMENTA NETTO, 1993: 29).

A cerimônia do batismo cultural recorre a representações fundantes da nacionalidade brasileira, arranjando-as em acordo com a ocasião ritual para, a partir de então, se constituir como regional. A interpretação do rito de inauguração (SOUZA, 2002) é que exige uma passagem mínima por essa narrativa mítica da brasilidade. É com esse destino entendido como nacional que se acredita realizar a nova cidade, cujo alcance é celebrado em festas em louvor a Goiás e ao Brasil (SOUZA, 2002: 81).

O evento, que reuniu mais de 8.000 pessoas do interior e de outros estados foi uma grande festa que, como parte de sua programação, teve inúmeras apresentações culturais entre elas grupos de festas locais como a Cavallada de Pirenópolis, na época em processo de rearticulação. Organizou-se como um grande mosaico da cultura goiana, uma soma dos cadinhos culturais na tentativa de se criar um síntese representativa. Goiânia ainda era uma cidade sem memória e, no evento de 1942, se posicionou simbolicamente como a grande intérprete das culturas locais a partir das quais a referência cultural ainda emanava. Por outro lado vê-se a partir da construção de Goiânia, um amplo movimento de várias cidades que perderam muito do seu *status* antigo como Goiás e Pirenópolis na tentativa de criar símbolos distintivos de suas culturas locais que pudessem ser representativos de toda a cultura regional.

O Batismo Cultural é carregado de vários recursos semânticos que compõem o sentido da luta mudancista que acompanha todo o discurso de Pedro Ludovico a partir da qual Goiânia se justificaria atribuindo significado cerimonial a toda ação realizada sobre o lugar a ser cidade-capital. O nome e a cidade expressam o afastamento das resistências à modernização sintetizadas na velha sede, mas preserva em si mesmo o significado da memória histórica para a identidade da coletividade goiana (SOUZA, 2002:80). O Batismo cultural acontece como um ritual de incorporação à nação. Tal ritual, como face antropológica do evento, se organizou como um grande mosaico da cultura goiana, condição propiciada somente após a separação do estado anterior, representado pela porção indesejada da tradição que seria a decadente Vila Boa. A ação de transferir a capital é uma seqüência de contínuas aproximações a um local esperado, onde se pretendia fundar uma nova ordem regional (IDEM: 93). O domínio intelectual desse espaço cuja face cartesiana se justificava como ocupação do vazio pela presença do Estado, possibilitou o controle político e o prolongamento da brasilidade do litoral a imiscuir-se com a brasilidade do sertão por meio da extensão física do poder central (IDEM:95).

Portanto, a década de 1940 é o início do processo de definição do espaço físico, mas também do que caberia a Goiânia na composição cultural e identitária de Goiás como um aglutinador das diversidades regionais goianas. Tal composição cultural vai muito além do ritual estudado por Vidal e Souza, se tornando um processo que se configura como histórico, na medida em que é marcado por acontecimentos como a fundação da Sociedade Goiana do Folclore, da Academia Goiana de Letras e dos primeiros museus como o Museu Estadual de Goiás. Nesse contexto também é criada a primeira Universidade em 1948 que levou o nome de Universidade do Brasil Central, atual UCG. Anos depois em 1960 é criada a UFG sob a influência de um intelectual muito envolvido nas questões culturais e políticas desse tempo: Colemar Natal e Silva que estava vinculado à criação do IHGG (Instituto Histórico e Geográfico de Goiás) (TELES, 1988: 43). No caso de Goiás, não se separava as instituições dos criadores das mesmas. Essa é uma constatação importante, pois, Colemar Natal e Silva, irá se tornar, anos depois, o presidente do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura [do Ministério das Relações Exteriores]), instituição amplamente vinculada com a institucionalização do folclore no Brasil. Esse exemplo é emblemático do que ocorre entre os intelectuais nesse período, que participam de todas as instituições culturais, transitando entre elas, dado a ausência de uma especialização intelectual.

A década de 1940 é um ponto nevrálgico para se pensar toda a mudança processada no âmbito do debate sobre uma identidade para Goiás. É neste período que Goiânia ganha legitimidade de cidade, se consolida como nova capital e começa a construir os seus monumentos e lugares de memória como o já citado Museu Estadual, a inauguração do monumento aos bandeirantes em 1942 - em uma praça que ganharia o nome do monumento³ -, e, posteriormente do monumento às três raças na praça cívica⁴ da capital. Entre outros acontecimentos, é criada a Sociedade Goiana do folclore em 1942, a exemplo de outras cidades brasileiras. Esta iniciativa é emblemática do momento porque passava o debate sobre a nacionalidade brasileira no qual a valorização das manifestações populares ganhava força, sobretudo a partir do Estado Novo. Nesse período assume-se uma perspectiva historicista, impondo uma valorização do passado. Nesta postulação de passado, afirma Gomes, concepções estavam sendo propostas e convivendo no discurso da época. A primeira seria a de um passado ligado à cultura popular e que, manifestando-se em um conjunto de tradições, convivía com o

³ Praça dos Bandeirantes foi recentemente destruída em função de uma reforma no sistema de transporte coletivo. Preservou-se o monumento que fica ilhado.

⁴ O referido monumento foi inaugurado em 06 de julho de 1967, como comemoração ao jubileu de prata do Batismo Cultural, atualizando assim os discursos culturais hegemônicos no Brasil, os quais falarão de uma suposta igualdade ou democracia racial.

presente, sendo a-histórico, reafirmando-se uma idéia de tempo não-datado. A segunda seria a de um passado histórico, ligado a uma idéia de tempo linear, cronológico, datado e referido à memória de fatos e personagens únicos, existentes numa sucessão, à qual é vedado conviver com o presente. Assim, se o presente permanecia ancorado no passado como tradição, durante os anos do Estado Novo fazia-se um esforço consciente para redescobrir o passado histórico enquanto realidade antecedente e passível de compreensão. Um passado histórico, que não podia, como tradição, coexistir com o presente, mas que era uma fonte de explicação para o novo, uma fonte de evidenciação por contraste do novo. Para Cunha, poder-se-ia entender que a separação entre história (eventos) e folclore (tradição), efetuada neste período, acompanhou ou adequou-se a um modelo técnico de gestão ou concepção dos conflitos e problemas, que caracterizou a intervenção do Estado Novo no âmbito das relações de trabalho e de outras instâncias da vida social. (CUNHA, 1998:167). Uma técnica de gestão que se revela como ferramenta de política de identidades ou de uma nova identidade política.

Em Goiás, o movimento do folclore será um dos lugares de fala da tradição já que a preocupação com as coisas do povo e a preservação de seus costumes e crenças resultava em pesquisas, livros, artigos, cursos e seminários ao mesmo tempo em que ajudava também a construir uma noção mais clara daquilo que ainda era desconhecido. A elaboração de uma leitura desse povo revelava, também, uma busca por sentidos amparados por elementos estáveis que naquele momento poderiam construir uma posição acerca de uma identidade regional. O folclore de Goiás tem as suas primeiras abordagens ainda no início do século XX. Alguns estudos são apontados como pioneiros nessa abordagem como o de Crispiano Tavares, engenheiro mineiro que trabalhou a partir de 1882, por vários anos, em Goiás, na implementação de estradas de ferro e que aproveitou a sua larga experiência no interior goiano para registrar diversos elementos da cultura popular (TAVARES, 1975). O texto de Tavares, no entanto, insere-se num estilo bastante recorrente na época de se escrever a história de Goiás, pois, a temática do folclore compunha não uma narrativa específica, mas um conjunto de elementos que se elegiam para escrever e narrar a história da região como dados de sua geografia, mineralogia, zootecnia, entre outros.

Exemplos semelhantes compõem os textos de Zoroastro Artiaga, Henrique Silva, Moisés Santana e Americano do Brasil, "ilustres" escritores da primeira metade do século XX. Os textos dessa época postulam a idéia de existência de uma cultura popular original que residiria, sobretudo, nos costumes sertanejos vivenciados na cotidianidade, por pessoas comuns. As narrativas privilegiavam também a identificação da contribuição das três raças fundadoras no

folclore como em Crispiano Tavares, que apresenta as várias contribuições do negro nas congadas, moçambiques, nas lendas do saci (transformação do caipora), a lenda do Romãozinho, do pé-de-garrafa, do negro-d'água (masculinização da lenda de Iara); as contribuições do indígena como a lenda do boto do Araguaia, do caipora, da catira, do caruru, do batuque bem como as contribuições do branco como as Cavalhadas, Folia de Reis, mula sem cabeça, modas, entre outros. Antes de Americano do Brasil, encontra-se poucos nomes que aproveitaram temas folclóricos de Goiás em obras de ficção, como no caso raro de Crispiniano Tavares, que colheu *in loco* o material vivo da tradição em festas do campo, publicado depois da sua morte em 1906, juntamente com fábulas e contos literários pela editoria gráfica editora século XX de Uberaba (BRASIL, *op. cit* , p. XLIX).

A legitimidade dos estudos do folclore só se firmou, porém, a partir dos anos de 1970, período de consolidação de uma política cultural para Goiás e da definição das principais instituições fomentadoras desta cultura, uma vez que ainda era muito recente a criação de órgãos públicos gerenciadores da cultura iniciados tardiamente nos anos de 1960, na capital Goiânia, construída nos anos de 1930. Percebe-se neste contexto uma difusão absoluta de narrativas compostas por vários memorialistas locais que procuravam incluir nesse novo cenário regional elementos da cultura de sua localidade como Edmundo Abreu e os Costumes de Itaberaí, antiga Curralinho expressos nas histórias de cavalhadas e caras pretas durante a festa de Nossa Senhora da Abadia (Padroeira da cidade) e a do Divino Espírito Santo; como Maximiano da Mota Teixeira e as histórias do norte de Goiás; Wilson Cavalcante e suas histórias sobre carro de boi em Goiás a partir de vivências em Santa Cruz e Pires do Rio.

A publicação e difusão destes textos, porém, não acontecia gratuitamente. Percebe-se que esses memorialistas possuíam grande trânsito nos meios intelectuais da capital o que pode ser percebido pelos vários agradecimentos e menções a personalidades ilustres, seja na política como na intelectualidade. Algumas cidades foram privilegiadas na escrita e divulgação de folclore como é o caso de Goiás que tinha na folclorista Regina Lacerda a grande referência nas publicações sobre os costumes da cidade. Essa escritora vilaboense, foi também, representante legítima do movimento folclórico e quem, além de inúmeros artigos, escreveu vários livros e representava Goiás nacionalmente nas questões do folclore além de colaborar com Braz de Pina de Pirenópolis na edição do principal periódico do movimento que foi a revista folclórica.

No campo intelectual, observou-se uma explosão de iniciativas e eventos que estimulavam o estudo da cultura popular goiana como os vários concursos literários, reuniões, congressos e o incentivo a publicações. Só no ano de 1973 doze obras que tratavam de algum

aspecto da cultura popular em Goiás estavam no prelo. Na UFG diversos intelectuais estavam ligados direta ou indiretamente ao movimento folclórico, alguns deles vinculados ao museu antropológico, outros ao Instituto de Artes e à faculdade de Educação Física. Os intelectuais do IHGG também estavam diretamente ligados a este movimento, ora através da publicação de artigos na revista do instituto ora através de iniciativas como o I curso de cultura goiana realizado em 1975 com professores membros do IHGG como Basileu Toledo França que lecionou Literatura oral e Ático Vilas Boas que lecionou folclore goiano.

No contexto atual onde os estudos culturais ganharam predominância, a releitura da obra dos folcloristas e memorialistas revela um exercício frutífero de repensar as interpretações atribuídas a nosso passado, pois possibilita rever inúmeros preconceitos direcionados a esses autores considerados ora como conservadores retrógrados ora como ufanistas de um tempo perdido. Atualmente, podemos seguir as pistas das noções de representações e apreender nessas narrativas os modos como a nação e as regiões foram pensadas, narradas, elaboradas, imaginadas, sonhadas, vivenciadas e entendê-las dentro de um complexo processo de imaginação coletiva em que o povo e seus costumes representavam não o começo de uma história, mas o fim de utopias, sonhos e crenças, num tempo de transformações.

Referências bibliográficas:

- ABREU, Edmundo Pinheiro de. **Curralinho, seus costumes e sua gente**. Goiânia, Oriente, 1978.
- BRASIL, Americano do. **Cancioneiro de Trovas do Brasil Central**. (ed. Crítica de Basileu Toledo França) 2ª ed. Goiânia, Ed. Oriente, 1973.
- CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 1990.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Festas e Cultura Popular na Formação do Povo Brasileiro: Mesa Redonda cidadania e projetos culturais no Brasil*. In: **Projeto História – Cultura & Trabalho** nº 16 São Paulo, PUC, Fev/ 98. Pp. 146-166.
- GOMES, Angela de Castro. *A “Cultura Histórica” do Estado Novo*. Mesa Redonda: Cidadania e projetos culturais: historiadores e folcloristas no Brasil (XIX simpósio nacional da ANPUH, Belo Horizonte, 1997. In: **Projeto História**, São Paulo, nº 16, Fev/98, p. p.121-141.

Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro, DP&A, 1997.

LACERDA, Regina. **Papa Ceia. Notícias do Folclore Goiano**. Goiânia, Oriente. 1968.

LACERDA, Regina. *Traços da Cultura Portuguesa em Goiás*. In: **Revista Brasileira do Folclore**. Rio de Janeiro, MEC, 1968.

Folclore Brasileiro-Goiás. São Paulo, MEC, 1977.

NOGUEIRA, Wilson Cavalcante. **Mestre Carreiro**. In: **A Folclórica** n. 8 . Goiânia, IGF, 1980.

PIMENTA NETTO. **Anais do Batismo Cultural de Goiânia.1942**. Reedição Histórica. Prefeitura Municipal de Goiânia. Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Turismo. Goiânia, 1993.

SOUZA, Candice Vidal e. *Batismo cultural de Goiânia: um ritual da nacionalidade em tempos de marcha para o Oeste*. In **Goiânia, cidade pensada**. BOTELHO, T. R. (Org.) Goiânia, Ed. UFG, 2002.

TAVARES, Crispiano. **Contos, Fábulas e Folclore** (ed. Crítica de Basileu Toledo França) Goiânia, Ed. Oriente, 2ª ed., 1975.

TAVARES, Giovana Galvão. **A Trajetória de uma “Casa de Saber”: o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (1930-1970)**. Dissertação de mestrado, Campinas, UNICAMP (Instituto de Geociências) , mimeo, 2000.

TELES, José Mendonça. **Em defesa de Goiânia (coletânea de artigos e entrevistas sobre a memória cultural/patrimonial de Goiânia)**. Goiânia: Edição do autor. 1988.

TEIXEIRA, Maximiano da Matta. **Outras Estórias de Goiás-Lendas, Terra, Gente**. Goiânia, Unigraf, 1983.